

RUBEM AZEVEDO LIMA

As falas do presidente

A previsão assustadora foi feita pelo próprio presidente Fernando Henrique Cardoso: a inflação brasileira, hoje no patamar de 0,4% ao mês, pode chegar a 40% mensais. Isso ocorreria, segundo o presidente, devido à rejeição, pela Câmara, no último dia 6, da emenda constitucional do governo para a reforma da previdência. Como aconteceu, na mesma data, a aceitação da proposta de criação de uma CPI no Senado, para investigar irregularidades no sistema financeiro nacional, FHC pareceu também incluir esse fato entre os que poderão, a seu juízo, gerar a explosão inflacionária.

Logo após a advertência presidencial, os comentaristas das principais emissoras de televisão do país carregaram no tom de alarmismo, em torno dos episódios parlamentares, acentuando que os dois poderiam implodir o Plano Real. No dia seguinte, repetiu-se a mesma sensação de catástrofe iminente, pois as bolsas de valores do Rio e de São Paulo despencaram 4%, na média de negócios. Isso era, no entender dos analistas, o começo do caos, provocado pelo que todos eles definiam como irresponsabilidade política dos congressistas.

Na verdade, tinha havido apenas uma reação dos especuladores na bolsa, pois, nos Estados Unidos, também no dia 6, o Federal Reserve Bank elevava a taxa de juros dos bônus do Tesouro para 6,46% ao ano e os investidores, em todo o mundo, acharam melhor aplicar seus recursos em tais papéis. Todas as

bolsas do mundo tiveram quedas nos negócios, conforme contou *El Cronista*, de Buenos Aires, no dia 7 último. No caso brasileiro, o efeito da CPI e da rejeição da reforma na previdência não teve, pois, a magnitude que lhe deram os analistas apresentados, levados pelas previsões pessimistas de FHC. Pelo menos 13% dos recursos mundiais que giram nas 50 bolsas de valores dos países emergentes são de investidores privados, segundo John Rotschild. E todos só têm uma preocupação: o lucro imediato. Quando os recursos desses investidores mudam de rumo, os das grandes corporações já o fizeram, horas antes. Principalmente se os seus agentes ouvem o presidente de uma república julgada paraíso especulativo, dizer que em seu país pode ocorrer grande explosão inflacionária, devido à instabilidade econômica provocada pelas decisões de um legislativo rebelde.

Por muito menos, um servidor do Banco Central foi punido. Ele dissera apenas que outro banco brasileiro estaria praticando a mesma fraude usada pelo Banco Nacional: o disfarce de rombos sob falsos débitos dos correntistas. Alguém deve ter pedido mais cautela a FHC, na tentativa de forçar o Congresso a dobrar-se às exigências reformistas do governo. Em escala nos EUA, rumo ao Japão, FHC se disse democrata e que quer aprovar democraticamente suas reformas no Legislativo. Menos mal, como aviso aos estrangeiros. Só não precisava lembrar, para uso interno, que o Chile e o Peru fizeram tais reformas ditatorialmente.